

INVESTIGAÇÕES

Um corredor automobilístico prova que na noite do crime esteve batendo papo com amigos, na avenida Atlântica, até altas horas. Outro corredor diz que viu a vítima passar em um automóvel, mas, a respeito das afirmações de um vespertino, declara que nunca esteve internado em nenhuma casa de saúde, sua mãe não está em Buenos Aires e ele não se chama Manuel nem mora em Niterói. O advogado que diz saber quem é o criminoso — e muita gente afirma que ele não sabe —, diz que não conhece aquele parente de uma alta autoridade apontado como criminoso por um jornal. O senador indiciado nega qualquer relação com o caso. Uma jovem se faz de raptada, e um bancário de detetive. Várias senhoras têm seus nomes publicados nos jornais como possíveis amantes do morto. Um amigo íntimo do morto diz que ele não tinha amantes. Pululam os palpites e indiscrições. Uma pessoa ligada a altas rodas afirma que o delegado sabe quem cometeu o crime: foi UMA ALTA PERSONAGEM (ele diz em voz baixa, mas com um olhar em caixa alta), mas não se arrisca a prender o tipo porque não dispõe de provas. A polícia cada dia diz uma coisa, e a imprensa várias.

A única pessoa que não diz nada e nem mesmo pensa coisa alguma a respeito é o bancário Afrânio Arsenio de Lemos — e o único fato positivo até agora apurado é que ele está morto.

* * *

O ex-marido de Ingrid Bergman divulgou a carta que ela lhe escreveu da Itália confessando seu amor por Rosselini.

Pensa que, publicando essa carta, conseguirá do juiz dispensa de mandar a filha passar as férias com a mãe.

Não conhecemos o juiz americano; mas a carta de Ingrid Bergman é um documento humano de uma pura e severa dignidade que nem sempre os juizes, tanto os de Direito como os outros, que se põem por conta própria a julgar a vida alheia, podem compreender: a dignidade do sentimento.

18/4/52

R. B.